



## NOTAS SOBRE OS PRÓLOGOS DE CERVANTES Maria Augusta da Costa Vieira<sup>1</sup>

É bem provável que um leitor de hoje inicie a leitura de uma obra do passado sem prestar maior atenção a alguns aspectos que na época de sua composição ocupavam lugar de grande importância como a presença de prólogos, mais ou menos longos, mais ou menos esclarecedores, que acompanhavam muitas das obras em prosa ou em poesia. Hoje em dia, raramente aparecem prólogos na abertura de romances, contos ou poemas, ao contrário do que ocorria nos tempos de Cervantes em que normalmente as obras traziam prólogos que continham informações substanciais acerca de princípios poéticos adotados, fossem eles mais ou menos explícitos.

Tendo em conta este dado, é importante observar que os prólogos cervantinos merecem atenção especial do leitor que facilmente pode se deixar levar pela narração de histórias breves que vão sempre entremeadas com questões de poética e que conduzem o texto para horizontes não previsíveis em um prólogo desses tempos. Histórias breves que supõem, entre outras coisas, o encontro do autor com algum eventual leitor, um suposto amigo, um livreiro, um estudante ou personagem similar, o que abre espaço para um diálogo em que aparecem comentários curiosos sobre a obra, sobre circunstâncias de sua composição, e em particular, sobre o próprio autor, configurando aos poucos um certo auto-retrato retórico construído por meio de variados artifícios.

No “prólogo” às *Novelas exemplares* a voz que corresponde à do autor apresenta um auto-retrato curioso baseado numa síntese autobiográfica. Assim como nos demais prólogos de Cervantes esta voz expõe algumas ideias que poderiam

<sup>1</sup>Professora titular de Literatura Espanhola da Universidade de São Paulo. E-mail: <mavieira@usp.br>.



ser consideradas como dados relativos à biografia do autor, no entanto, é preciso ter em conta que os textos cervantinos não são tão inocentes assim e, diante disso, ao contrário do que faz dom Quixote com relação às muitas novelas de cavalaria que leu, o leitor de Cervantes não deveria tomar a palavra escrita tão ao pé da letra.

No início do prólogo às *Novelas* o autor anuncia sua falta de entusiasmo para redigir a presente prefação. Pelo que relata, tal desânimo se deve aos problemas que enfrentou após redigir o prólogo da primeira parte do *Quixote* publicado em 1605, e também à ausência de um amigo que pudesse ter esculpido e gravado na primeira página do livro sua figura a partir do retrato feito pelo famoso poeta e pintor sevilhano, Juan de Jáuregui, como era costume na época. Dando continuidade às queixas, o autor imagina que abaixo de seu retrato algum amigo hipotético deveria fazer constar um texto descritivo, isto é, uma mescla de retrato e biografia que desse a conhecer aquele que propagou tantas invenções pela “praça do mundo”. Como supostamente este não seria um texto de sua autoria justifica-se o uso das aspas, além do tom distanciado e ao mesmo tempo irreverente em meio a um discurso pseudo laudatório:

Este que veis aquí, de rostro aguileño, de cabello castaño, frente lisa y desembarazada, de alegres ojos y de nariz corva, aunque bien proporcionada; las barbas de plata, que no ha veinte años que fueron de oro, los bigotes grandes, la boca pequeña, los dientes ni menudos ni crecidos, porque no tiene sino seis, y éstos mal acondicionados y peor puestos, porque no tienen correspondencia los unos con los otros; el cuerpo entre dos extremos, ni grande, ni pequeño, la color viva, antes blanca que morena, algo cargado de espaldas, y no muy ligero de pies; este, digo, que es el rostro del autor de *La Galatea* y de *Don Quijote de la Mancha*, y del que hizo el *Viaje del Parnaso*, a imitación del de César Caporal perusino, y otras obras que andan por ahí descarriadas y quizá sin el nombre de su dueño, llámase comúnmente Miguel de Cervantes Saavedra. Fue soldado muchos años, y cinco y medio cautivo, donde aprendió a tener paciencia en las adversidades. Perdió en la batalla naval de Lepanto la mano izquierda de un arcabuzazo,

herida que aunque que parece fea, él la tiene por hermosa, por haberla cobrado en la más alta ocasión que vieron los pasados siglos, ni esperan ver los venideros, militando debajo de las vencedoras banderas del hijo del rayo de la guerra, Carlo Quinto, de felice memoria.<sup>2</sup>

Ao lado de vários fatos que compõem sua biografia como as obras que publicou, a batalha memorável em que atuou e a marca indelével que herdou de sua atividade guerreira, surge a descrição em tom burlesco de suas próprias feições que dão ideia de seus possíveis traços fisionômicos. É importante ter em conta que nos tempos de Cervantes os textos não eram criados a partir de critérios baseados na subjetividade ou na espontaneidade de cada autor. Ao contrário, a escrita era algo regrado que se originava de determinadas convenções presentes em tratados de poética e de retórica e a partir delas o autor deveria ajustar sua capacidade inventiva. No caso específico da descrição de pessoa, havia um repertório de atributos que deveriam ser respeitados, fossem eles destinados aos elogios ou à vituperação. Para a descrição, portanto, era de se esperar que houvesse referências às circunstâncias externas ao indivíduo, a seus atributos físicos e às suas qualidades morais<sup>3</sup>. Para Frei Miguel de Salinas, autor da primeira retórica em língua castelhana publicada em meados do século XVI, alguns pontos deveriam aparecer, como nome, linhagem, idade, disposição corporal, virtudes da alma, educação, ofício, fortuna, estado social, o dito e o feito<sup>4</sup>.

Tendo em conta este repertório que deveria compor a descrição de pessoa, o retrato de Cervantes que aparece no prólogo das *Novelas Ejemplares* deixa algumas dúvidas. A descrição é conduzida na direção do engrandecimento, seja por meio dos elogios pondo

---

2 *Novelas Ejemplares*. Ed. de Jorge García López. Barcelona: Editorial Crítica, 2001. p. 16-17. ("Este que aqui vês, de rosto pontiagudo, de cabelo castanho, testa lisa e desembaraçada, de olhos alegres e de nariz adunco, ainda que bem proporcionado; as barbas de prata, que não há vinte anos foram de ouro, os bigodes grandes, a boca pequena, os dentes nem miúdos nem graúdos, pois não tem mais do que seis, e estes mal postos e pior dispostos, porque não têm correspondência uns com os outros; o corpo entre dois extremos, nem grande, nem pequeno; a cor viva, mais branca do que morena, as costas algum tanto encurvadas e os pés não muito ligeiros; este digo que é o rosto do autor de *A Galatéia* e de *Dom Quixote*, e daquele que fez a *Viagem do Parnaso*, à imitação da de Cesare Carali Perusino, e outras obras que por aí andam desgarradas, e talvez sem o nome de seu dono. Chama-se comumente Miguel de Cervantes Saavedra. Foi soldado por muitos anos e cinco e meio esteve cativo, onde aprendeu a ter paciência nas adversidades. Perdeu a mão esquerda de uma arcabuzada na batalha naval de Lepanto, ferida que, embora pareça feia, ele a tem por formosa, por tê-la recebido na mais memorável ocasião que jamais viram os séculos passados e nem esperam ver os vindouros, militando sob as vencedoras bandeiras do filho do raio da guerra, Carlos V, de feliz memória.")

3 Ver *Retórica a Herenio*, introd., trad. e notas de Salvador Núñez. Madrid: Gredos, 1997, Libro III. p. 171-190.

4 Ver de Elena Artaza, *Ars narrandi en el siglo XVI español. Teoría y práctica*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989. p. 186-203.

em evidência o homem das armas que atuou bravamente na memorável batalha de Lepanto, seja pela exaltação que destaca o homem das letras por ter escrito *A Galateia*, o *Dom Quixote* e a *Viagem do Parnaso*, em vias de ser publicado. Certamente, a reunião de duas atividades, isto é, a relativa às armas e a relativa às letras correspondia nesse tempo à idealização de uma vida plena tendo em conta a concepção humanista da existência. No entanto, dando continuidade ao auto-retrato, há componentes que parecem caminhar não propriamente na construção do encômio, mas sim na elaboração de um retrato no mínimo duvidoso. Além das virtudes evidenciadas pelo fato de haver aprendido a encontrar “paciência diante das adversidades” e da menção de alguns de seus traços físicos que ressaltam sua jovialidade e inteligência como “olhos alegres”, “testa lisa e desembaraçada”, há referências que ficam a meio caminho do elogio, sobretudo no que diz respeito a suas feições como o “nariz adunco”, o que poderia sugerir sua origem judaica, atenuada pela qualificação “bem proporcionado”; os “dentes mal postos” e “pior dispostos”; as “costas encurvadas” e sua disposição corporal já limitada como se evidencia por meio da menção aos “pés não muito ligeiros”. Enfim, trata-se de um retrato que se sustenta por meio da inteligência, da juventude, da dedicação às armas e às letras e, por outro lado, carrega o peso da velhice, deixando o leitor com uma imagem um tanto ambígua e incongruente a seu respeito. Afinal, como bem lembra Cervantes no próprio prólogo, com ar um tanto brincalhão, “pensar que dizem pontualmente a verdade os tais elogios é despropósito, por não ter limite preciso e determinado nem os elogios e nem os vitupérios”.

Além do mais, o artifício usado nesse fragmento do prólogo ultrapassa a figuração e aponta para um proce-

dimento que se reitera em outros prólogos cervantinos quando o autor utiliza a primeira pessoa. Longe de servir como base documental para traçar eventualmente algumas linhas mestras de sua biografia ou de seu pensamento, a composição desses textos é bem mais complexa e não permite conclusões apressadas. A presença desse suposto “amigo” introduzido no prólogo das *Novelas Exemplares* que se encarregaria de traduzir em palavras sua imagem esculpida é um recurso recorrente que aparece nos prólogos cervantinos quando, dirigindo-se ao leitor e usando a primeira pessoa num registro supostamente referencial, Cervantes acaba multiplicando as vozes, como observou Jean Canavaggio, desdobrando-se em um “ele” que emite opiniões a seu próprio respeito, seja na voz de um “amigo”, de um “estudante” ou de um “livreiro”, contrapondo-se à primeira pessoa. Algo semelhante ocorre no prólogo a *Oito Comédias e Oito Entremeses* em que o autor simula um diálogo com um livreiro que o convence a publicar suas peças, já que as mesmas não produziram interesse entre os diretores de companhias teatrais, correndo o risco de se perderem entre velhos papéis.

Apesar das circunstâncias em que escreve o prólogo a *Trabalhos de Persiles e Sigismunda* Cervantes não deixa de recorrer a procedimento similar ao construir uma narrativa em que relata que nas proximidades de Esquivias, povoado onde viveu os primeiros anos de seu casamento com Catalina, encontra-se com um estudante com quem dialoga. O estudante não poupa elogios às suas qualidades como escritor enquanto que o autor, por meio de um gesto de aparente modéstia, redireciona o diálogo e relata sua enfermidade, prontamente identificada por seu interlocutor como hidropisia – um acúmulo anormal de líquido seroso em tecidos ou em

alguma cavidade do corpo<sup>5</sup>. É o estudante – o jovem em diálogo com o ancião – quem explicita a moléstia e ao mesmo tempo destaca o apreço e o respeito que as pessoas em geral tinham pelo escritor. Ou melhor, funciona como a voz do reconhecimento que o próprio escritor projetava para si mesmo em suas derradeiras horas de vida. Como diz Jean Canavaggio, nesses prólogos Cervantes apresenta-se em constante *mise en scène* de si mesmo, num movimento em que se revela e se oculta simultaneamente dificultando assim a configuração precisa do que poderia ser o retrato do artista<sup>6</sup>.

Certamente, o prólogo em que este procedimento é mais radical é o da primeira parte do *Quixote*<sup>7</sup>. Não restam dúvidas de que os prólogos, no final das contas, oferecem pistas valiosas acerca de princípios de composição poética, mas é preciso dizer também que, geralmente, Cervantes opta por formas um tanto inusitadas que em alguns casos poderiam ser consideradas como um antiprólogo ou um “metaprólogo” como é o caso do prólogo do *Quixote* de 1605.

O autor inicia seu prólogo estabelecendo um diálogo implícito com o leitor, tratando de situar, a partir de sua perspectiva, a obra, a personagem e, especialmente, os movimentos do próprio leitor. Aparentando grande modéstia como recurso para captar a benevolência do leitor, confessa abertamente suas fraquezas e suas dificuldades. Pelo que informa, durante a composição da obra contou com uma condição precária e, no momento de redigir o prólogo, é acometido por uma grande timidez que não lhe permite a desenvoltura na escrita além de sublinhar sua incapacidade para emitir juízos sobre a própria personagem que criou.

Optar por um prólogo repleto de citações e ornamentos, sonetos de autores famosos, epigramas e sentenças laudatórias poderia produzir, aos olhos do leitor, a afirmação de autoridade do autor, como era costume entre muitos. No entanto, esta opção não se adapta aos seus propósitos e nem ao seu temperamento que rejeitava todo e qualquer tipo de pedantismo. Em meio a essas queixas, chega um

---

5 Pelo que diz Jean Canavaggio, a enfermidade que parece acometer Cervantes no final de sua vida deve ter sido diabetes, produzindo uma sede insaciável conforme aparece no prólogo a *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*, redigido dois dias antes de sua morte (*Gran enciclopedia cervantina*. Dir: Carlos Alvar. Madrid: Ed. Castalia, Vol. III, 2006, p. 2.245).

6 Jean Canavaggio. *Cervantes: entre vida y creación*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2000.

7 *Don Quijote*. Dir: Francisco Rico. Barcelona: Instituto Cervantes/ Ed. Crítica, 1998.

amigo que lhe oferece ideias práticas para solucionar o problema, elaborando implicitamente uma crítica declarada aos prólogos em uso e criticando, em particular, as estratégias utilizadas por alguns para construir em torno a sua imagem a ideia de autoridade a partir da aparência de erudição. A grande suposição é que o alvo indireto dessas críticas seja Lope de Vega que utilizava em seus prólogos muitos dos recursos assinalados por Cervantes.

Com insolência inescrupulosa, o amigo vai lhe indicando como deve ser elaborado um prólogo ao mesmo tempo em que, enquanto dá conselhos, acaba compondo o próprio prólogo. Embora saiba quais são as estratégias para provocar determinadas reações, o amigo reconhece muito bem que a originalidade da história de dom Quixote – a luta contra os livros de cavalaria – dispensa toda e qualquer recorrência a quaisquer autoridades uma vez que nem sequer o próprio Aristóteles, como diz, não imaginou tal possibilidade. Enfim, a voz do amigo define com a ousadia que faltaria ao “autor” as qualidades de sua própria invenção. Por meio de suas ideias e dos desabaços daquele que se diz “padrasto” de dom Quixote, o leitor assiste à elaboração do prólogo que se constrói nos bastidores, isto é, numa conversa aparentemente confidencial entre “autor” e “amigo” que, pouco a pouco, vai desmascarando artifícios e criticando de forma alusiva escritores famosos da época.

É curioso observar que o contraponto que aparece no prólogo acaba quebrando a expectativa do próprio leitor que espera um texto de caráter predominantemente referencial, ou pelo menos uma apreciação geral acerca das qualidades da obra e, no entanto, se depara com uma cena ficcional – a visita e a conversa com o “amigo” – como se para a abordagem de questões relacionadas com a composição de um texto fosse imprescindível a efabulação.

Algo muito semelhante acontece com a própria obra, pois, para contar a história de um pretense cavaleiro andante, torna-se fundamental enfocar temas relacionados com o fazer literário uma vez que a própria personagem se encontra totalmente enredada em textos e leituras. Além disso, o prólogo, como a obra, contém uma orientação paródica, pois, no final das contas, o que o leitor tem em mãos é na verdade uma paródia do “gênero prólogo”. Assim, o prólogo da primeira parte do *Quixote* constitui um prólogo às avessas que dialoga constantemente com o gênero e reproduz, em alguma medida, a estrutura da própria obra. O recurso utilizado do desdobramento da primeira pessoa em “autor” e



“amigo” é enfático e o diálogo que se estabelece entre ambos acaba oferecendo, de modo irreverente, princípios poéticos substanciosos que dizem respeito à previsão de diferentes categorias de leitor, à caracterização da obra como obra de entretenimento, à imitação “feliz de modelos” e à inventiva contra os livros de cavalaria “dos quais nunca se lembrou Aristóteles nem vieram à ideia de Cícero” (*DQ*, I, prólogo).

Se em algum momento o leitor acreditou que nos prólogos de Cervantes e em particular nos momentos em que o autor utiliza a primeira pessoa seria possível encontrar a chave para construir um possível retrato do autor, é bem provável que tenha chegado à conclusão de que nos textos cervantinos as coisas não acontecem exatamente assim. Também nesses discursos, quando o processo de leitura ainda se encontra na antesala do texto, seria de se esperar uma apresentação da obra de caráter mais referencial, no entanto o leitor já se depara com artifícios engenhosos que inventam histórias e enredam vida e obra em discursos que vão sugerindo que nem sempre a arte imita a vida. Nos tempos do *Quixote*, e em particular, nos textos de Cervantes parece ser possível supor que, em alguma medida, a vida também pode imitar a arte.